

Eu busco a comunicação

*“... nenhuma informação pode ser criada ex-nihilo,
mas tudo o que fazemos se limita a manipular
informações adquiridas.”*

Vilém Flusser

Esta é a segunda edição (a primeira foi em maio de 2024) de uma exposição coletiva que se faz também como celebração. Celebração dos quinze anos da Casa Contemporânea e de alguns dos artistas que fazem parte desta história.

Assim como na citada primeira edição, o filósofo Vilém Flusser e seus escritos foram o liame para a concepção, conversas e montagem desta exposição. Nesta vinculação, dois componentes importantes são o próprio espaço expositivo (conformando blocos de diálogo) e a materialidade das obras dos dez artistas (modelando, agora, uma experiência dialógica em dois níveis: material-artista e obra final-espectador) e suas conformações às linguagens utilizadas.

. . .

A exposição se inicia pelo próprio corredor de entrada da Casa Contemporânea onde, como na primeira edição, foi montado um glossário com uma obra de cada artista. Organizadas em ordem alfabética elas não são, necessariamente, exemplares do que veremos nas salas. Gosto de pensa-las como estímulos ao espectador.

Pois bem, continuando no térreo, temos uma sala voltada para a linguagem das imagens em movimento. Essa denominação remete ao cinema, mas nos três trabalhos apresentados há um tensionamento nesta remissão. Cristiana Camargo apresenta “Mar com fim”; o que poderíamos chamar de documentário ou mero registro torna-se, literalmente, poesia em movimento. A partir de conexões literárias entre Carlos Drummond de Andrade e Fernando Pessoa, uma miríade de assuntos surgem na tela: globalização, colonialismo, fronteiras, burocracias, poesia, suportes da escrita, o inusitado. O mais importante e significativo é a exploração da estrutura e circulação da linguagem. O segundo trabalho, “Confissão”, de Clarissa Zelada, é o ponto médio entre os três vídeos quanto à linguagem cinematográfica; a narrativa segue a estrutura apresentação-ação efetiva-conclusão, ou começo-meio-fim, mas escapando a uma maneira mais convencional; as imagens são lapidadas como a pedra bruta de um poema ou de frases. Como quem escolhe palavras ao invés de imagens. Por fim, Vitor Bossa e seu “O estado líquido de uma borboleta / tectonicismo” ocupa a outra ponta daquele tensionamento: o que temos como imagens possuem um caráter abstrato, não reconhecível. Aquilo que não vemos, a música ou a “trilha sonora” é, literalmente, o gerador das imagens. As pequenas ações que produzem alterações inesperadas e em camadas e que acabam por nos impactar.

Em comum aos três artistas, existe um diálogo mais efetivo e formal com outros de seus trabalhos que estão em outros espaços pela exposição.

Na sala ao lado, a dialética entre os trabalhos-artistas não se faz por contraposição, mas por afinidades mais efetivas, à saber: o ser mulher e a condição feminina em várias sociedades. “Cherchez la femme” de Mirella Mostoni, é um trabalho de longa duração ligado à uma pesquisa metódica e por extensão ao chamado “conceitualismo”. A partir de uma premissa, um conceito matriz, a artista, através da leitura de vários livros, foi catalogando as adúlteras na literatura. Nessa estruturação, criou códigos por cores, associados a frases, que definem as características das personagens adúlteras. O rígido jogo cromático resultante mostra quão diversas são as formas de dominação e representação numa sociedade patriarcal. E ao falar de cromatismo, método e representatividade, as pinturas de Suzana Barboza aparecem exemplarmente.

“Se brancos vermelhos fossem” é um dos trabalhos de Lucimar Bello. Desenhos feitos com linha como se costurassem o papel-pele, estão suspensos ordenadamente em linhas e colunas; num espaço vazio entre eles um pequeno mapa-gráfico da África mostra onde há maior densidade de mulheres que sofrem mutilação genital e infibulação. A leveza e beleza formal parece ser a maneira mais contundente de tratar temas hediondos, gravando uma informação em nosso pensamento. Fernanda Klee sai do universo coletivo feminino para assumir uma intensa individualidade. Boa parte das fotos tem ela como “assunto”, mas sempre num registro alterado, incompleto ou performático. De par com essa procura de si, há o olhar inquieto, perspicaz, múltiplo que conecta o individual e o coletivo; o estar no mundo.

Ao subir a escada para acessarmos o pavimento superior encontramos trabalhos de Clarissa Zelada (frases tecidas em crochê) e uma pintura de Suzana Barboza. Além destas, temos dois trabalhos onde a materialidade é mais evidente. No trecho intermediário da escada temos o primeiro trabalho “Gomos” de Marcia Morelli. A leveza corporifica a luz e a sombra, um acúmulo leve, que surge quase como fenômeno. No patamar do piso superior uma frase silabada em pedras materializa o peso da memória no trabalho “Céu pedrento” de Juliana Monteiro. Peso e leveza dialogando no mesmo espaço. Fechando a chegada ao pavimento superior temos uma aproximação formal em linguagens diferentes com o trabalho de Juliana através da frase tecida de Clarissa Zelada e da pintura e foto de Suzana Barboza.

Na sala superior o bloco dialógico é mais diversificado. Não há uma linguagem conhecida, ainda que de maneira remissiva, que ligaria os trabalhos (como na sala de projeção) ou um assunto significativo e tratado com amplas abordagens (como na sala que trata de temas ligados ao feminino). Qual o motivo disso, de uma diversidade que parece disparatada? – Falemos dos trabalhos e veremos até onde conseguimos ir. Inicialmente percebemos que as linguagens dos trabalhos e o que eles comunicam são diferentes. Há um cubo de madeira com alguns objetos sobre ele (parecem livros) e mais objetos saindo da parede e acima uma frase num material inusitado. Talvez seja melhor olhar para os lados ... num desses, temos um tocador de fita cassetes (“Naquele dia, o fim de algo. Às falsas simetrias”) de Vitor Bossa, onde você coloca fones de ouvido e uma voz narra algo seguido por uma música. Duas pinturas de Suzana Barboza, de tamanhos diferentes, mas com características que já vimos. Sete pequenos desenhos, quase garatujas azuis, num suporte de madeira, “Cartas para manter o céu em pé”, de Lucimar Bello. O que elas comunicam? Talvez seja o tempo o que as une. O tempo de Bello e dos povos originários que desejam que as coisas não entrem em colapso definitivamente (e como essa artista consegue pensar e desenhar segundo uma cosmologia que não é a sua?). Uma pintora que ainda acredita que não há um tempo específico para esta linguagem, que ela ainda pode comunicar algo. Um artista que em suas pesquisas sobre o tempo, sua duração e a experiência que temos dele, usa um equipamento como suporte que conecta um passado recente não vivido, um passado experienciado recentíssimo e um presente que ciclicamente torna-se passado ao escutarmos a gravação. Tempos ...

Do outro lado, travesseiros, fotos, pedaços de papel com faixas pretas, recortes de papel com algo escrito; tudo nas paredes (até os travesseiros...) encimado por uma frase escrita num suporte inusitado. Dos travesseiros (“De olhos bem fechados”, de Rita Balduino) sai um murmúrio que convida a aproximarmos-nos e ouvirmos melhor. São declamações, poesias em vozes femininas. Talvez você perceba que a mesma artista tem algumas placas verdes espalhadas pela exposição que também dizem sobre poesia. Ao lado, os pequenos pedaços de papel branco, pequenos cartões com faixas pretas, fixados nas paredes. Esses trabalhos de Marcia Morelli, apesar de formalmente diferentes do (Gomos), que está na escada, exceto pela tridimensionalidade, são coerentemente similares: a leveza, o desenho com a luz e a sombra, a ativação do vazio. Impossível não pensar em Mira Schendel; surpreendente perceber que a essência poética de uma é a mesma da outra, mas diferentes. Suzana Barboza apresenta um conjunto de fotos. Acredito que quem se depara nas primeiras vezes com

as fotos de Suzana também se surpreenda: suas fotos tem a mesma qualidade, rigor e um grau, ainda que um pouco maior que a pintura, inusitado que nos levam para a chamada poética do olhar. É um jeito de olhar, de ver as cores e suas relações com as formas que é o mesmo de burilar palavras, frases, sintaxe, sentido. Encerrando esta parede, Juliana Monteiro, que também é escritora e poeta, traz o que gosto de chamar intimamente de objetos poéticos de parede (trabalhos da série “Exercícios para não existir”); papéis com história, com passado, coexistindo com as inquietações de uma mulher no presente, mas que são questões ontológicas.

Será que o tempo, ou melhor, tempos, se encontram com as poesias no meio da sala demarcada pelo cubo de madeira? – Nele, temos cinco objetos artísticos denominados “livros de artista”: “Atravesso”, de Clarissa Zelada, e sua escrita incorporada; “Pandora” de Juliana Monteiro, com imagens que o levam para o chamado fotolivro; “Resíduos duos inconsistentes entes” de Lucimar Bello com seu amalgama de palavras, desenhos, colagem, guache em papéis absurdamente lindos; “A escrita é um golpe que se imprime na pele” de Mirella Mostoni, com sua contundência política e visual que parece, infelizmente, cada vez mais atual; e “Mar com fim , diário de bordo”, inclassificável trabalho de Cristiana Camargo que deriva do vídeo “Mar com fim”, mas que pela dedicação e sensibilidade da artista ganha autonomia total. Nas paredes ao fundo, outra frase de Clarissa Zelada zelam as palavras dos livros, mas também dois trabalhos com escrita e imagem em papéis antigos de Juliana Monteiro (“Umbigo Ocluso” e “Cicatriz”); por fim, cinco pequenas esculturas de Marcia Morelli onde de uma escala pequena e materiais ordinários, a artista consegue nos mostrar tensão, deformação e potência de maneira poucas vezes vista.

. . .

Flusser dizia que os materiais tinham uma importância vital para a experiência humana, materiais esses que ele chamava de não vivos, como letras, notas musicais, ossos, pedras, mas que modelavam a vivência e a percepção humanas. É desse embate com o material, sua resistência a cederem ao desejo humano por comunicar algo através deles, que ele identificava o problema central da arte (mas também o da memória). Acrescento que essa resistência também pode ser metafórica, no âmbito de se contrapor a uma sociedade moldável. O feminismo; a resistência política; a fruição sem a busca de um “sentido” à priori; a criação no limite da razão.

Quando a arte, em qualquer linguagem, tem seu embate com a matéria, concreta e metafórica, feita de forma intensa e integra ainda podemos acreditar. Ainda vivemos.

Marcelo Salles

novembro, 2024